



O
MENINO
de
VESTIDO





David Walliams

O
MENINO
de
VESTIDO

Ilustrações de Quentin Blake
Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright do texto © 2008 David Walliams
Copyright das ilustrações © 2008 Quentin Blake
Traduzido sob licença da HarperCollins Publishers Ltd
Publicado originalmente por HarperCollins Children's Books
O autor/ilustrador detém os direitos morais de ser identificado
como autor/ilustrador da obra

TÍTULO ORIGINAL
The Boy in the Dress

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Marcela Lima

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W183r

Walliams, David, 1971-

O menino de vestido / David Walliams ; ilustrações Quentin Blake ;
tradução Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
192 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: The boy in the dress
ISBN 978-85-8057-495-1

1. Ficção infantojuvenil inglesa. I. Blake, Quentin. II. Título.

14-09741

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Eddie,
pela alegria que você deu a todos nós.*



Agradecimentos

Gostaria de agradecer a meu agente literário na Independent Talent, Paul Stevens; a Moira Bellas e todo mundo da equipe de divulgação da MBC; a toda a HarperCollins, mas especialmente à minha editora-chefe, Ann-Janine Murtagh, e a meu editor, Nick Lake, por acreditarem nesta história e pelo tremendo apoio que me deram; a James Annal, o designer da capa; a Elorine Grant, que criou o projeto de miolo; a Michelle Misra, a copidesque com olhos de águia; a Matt Lucas, a outra metade do meu cérebro; à minha mãe e maior fã, Kathleen; e à minha irmã, Julie, por me colocar em um vestido pela primeira vez.

Acima de tudo, gostaria de agradecer ao grande Quentin Blake, que acrescentou mais a este livro do que eu jamais ousaria sonhar.

1

Nada de abraços

Dennis era diferente.

Quando se olhava no espelho, ele via um menino de doze anos comum. Mas Dennis se *sentia* diferente. Seus pensamentos eram cheios de cor e poesia, apesar de sua vida ser muito chata.

A história que vou contar começa na casa dele, uma casa comum em uma rua comum de uma cidade comum. Uma casa parecida com todas as outras da rua. Uma delas tinha janelas com vidros duplos; outra, não. Uma tinha o caminho da entrada feito de cascalho; outra, de lajotas. Uma tinha um carro grande e velho na garagem; outra, um modelo mais novo da mesma marca. Pequenas diferenças que apenas destacavam a semelhança de tudo.

Sua vida era tão comum que algo extraordinário simplesmente tinha que acontecer.

Dennis morava com o pai — que tinha um nome, mas como o menino o chamava apenas de pai, vou fazer o mesmo — e o irmão mais velho, John, de catorze anos. Dennis achava frustrante saber que o irmão seria sempre dois anos mais velho que ele, além de maior e mais forte.

A mãe de Dennis tinha ido embora havia alguns anos. Antes disso, o menino saía de fininho do quarto e ficava sentado no alto da escada ouvindo a mãe e o pai discutirem aos berros. Até que um dia a gritaria parou.

Ela havia partido.

O pai proibiu os filhos de sequer mencionarem o nome da mãe. Assim que ela saiu de casa, ele pegou todas as fotos dela que encontrou e as queimou em uma grande fogueira.

Mas Dennis conseguiu salvar uma.

Uma fotografia solitária escapou das chamas e subiu flutuando em meio ao ar quente do fogo, até atravessar a nuvem de fumaça e ficar presa na cerca viva.



Quando anoiteceu, Dennis saiu de mansinho da casa e recuperou a foto. Estava chamuscada e enegrecida nas bordas, e, ao pegá-la, ele ficou triste, mas quando a colocou sob a luz percebeu que a imagem permanecia perfeitamente clara e nítida.

Era uma cena alegre: John e Dennis mais novos com a mãe na praia. Ela usava um lindo vestido amarelo e florido que o menino adorava. Era cheio de cor e vida, além de muito, muito macio. Quando a mãe o vestia, significava que o verão tinha chegado.

Desde que ela fora embora, até fez calor, mas nunca mais houve um verão de verdade em sua casa.

Na foto, Dennis e o irmão usavam calção de banho e seguravam uma casquinha cada um, as bocas sorridentes lambuzadas de sorvete de baunilha. Dennis sempre levava aquela foto no bolso e todos os dias a contemplava em segredo. A mãe estava muito bonita, apesar do sorriso hesitante. Dennis passava horas olhando fixamente para ela, tentando imaginar em que sua mãe estava pensando quando a fotografia foi tirada.

Desde sua partida, o pai passara a falar pouco e, quando falava, quase sempre era aos gritos, então Dennis assistia muito à tevê. Seu programa preferido chamava-se *Trisha*. Dennis tinha visto um quadro da *Trisha* que

falava sobre pessoas com depressão e achava que talvez seu pai tivesse aquilo. Dennis adorava *Trisha*. Era um programa de entrevistas em que pessoas comuns tinham a oportunidade de falar sobre seus problemas ou gritar barbaridades para os parentes, tudo isso sob o comando de uma mulher simpática mas muito inflexível que por acaso se chamava... Trisha.

Durante um tempo, Dennis achava que a vida sem a mãe seria uma espécie de aventura. Ficava acordado até tarde, almoçava lasanha congelada e via programas de comédia baixo nível. Só que, à medida que os dias se transformaram em semanas, e as semanas em meses, e os meses em anos, ele viu que aquilo não era aventura coisa nenhuma.

Era apenas triste.

Dennis e John meio que se amavam daquele jeito que irmãos têm que se amar só porque são irmãos. Mas John sempre testava esse amor fazendo coisas que só ele achava engraçado, como sentar na cabeça de Dennis e soltar um pum. Se soltar pum fosse um esporte olímpico (no momento em que escrevi este livro, me disseram que não é, e acho isso um absurdo), ele já teria ganhado muitas medalhas de ouro e provavelmente seria condecorado pela rainha.

Agora, leitor, você talvez esteja achando que os dois irmãos tenham se aproximado um pouco após a partida da mãe.

Infelizmente, isso só os afastou ainda mais.

Ao contrário de Dennis, John sentia uma enorme e silenciosa raiva da mãe por ela ter abandonado a família e concordava com o pai sobre ser melhor nunca mais voltarem a falar nela. Estas eram algumas das regras da casa:

Nada de falar sobre a mamãe.

Nada de choro.

E a pior de todas: nada de abraços.

Dennis, por outro lado, sentia uma enorme tristeza. Às vezes ficava com tanta saudade da mãe que chorava à noite na cama. Tentava chorar o mais baixo possível, porque dividia o quarto com o irmão e não queria que ele o ouvisse.

Mas certa noite seus soluços despertaram John.

— Dennis? Dennis? Por que está chorando agora? — perguntou o irmão de sua cama.

— Não sei. É só que... eu... eu queria que a mamãe estivesse aqui. Queria que ela voltasse para casa... — respondeu Dennis.

— Bem, não chore. Ela foi embora e não vai voltar.

— Como você sabe?



— Ela nunca mais vai voltar, Dennis. Agora pare de chorar. Isso é coisa de menina.

Mas Dennis não *conseguia* parar de chorar. A dor o tomava por dentro, indo e vindo como as ondas no mar, açoitando-o até quase afogá-lo em lágrimas. Mas, como ele não queria aborrecer o irmão, chorava o mais baixinho que podia.

Mas por que Dennis era tão diferente?, você me pergunta. Afinal de contas, esse menino morava em uma casa comum em uma rua comum de uma cidade comum.

Bem, ainda não vou contar, mas a pista pode estar no título do livro...